
Brasil: Aracruz - sustentabilidade ou negócios como de costume?

Há seis meses, os povos indígenas Tupinikim e Guarani reclamaram contra a Aracruz Celulose- a gigante companhia brasileira de celulose por 11.000 hectares de seu território. Eles derrubaram milhares de árvores de eucaliptos para demarcarem seu território e construíram duas aldeias indígenas com um grande templo religioso e várias casas ao redor. Muitas famílias indígenas estão morando nessas casas.

No início deste mês, 300 índios Tupinikim e Guarani e seus defensores ocuparam o edifício da administração central do complexo da planta de celulose da Aracruz durante 30 horas, a fim de protestarem contra a interferência da Aracruz no reconhecimento oficial de seus direitos territoriais.

Os povos Tupinikim e Guarani têm tentado reaver suas terras da Aracruz desde 1979. Em 1997, a FUNAI reconheceu 18.071 hectares como pertencentes aos povos Tupinikim e Guarani. Contudo, eles apenas puderam reclamar por cerca de 7.000 hectares de suas terras devido à pressão que a Aracruz exerceu sobre o governo federal.

A Aracruz Celulose iniciou suas operações de plantios no Estado do Espírito Santo em 1967, durante a ditadura militar que governou o Brasil desde 1964 até 1985. “Quando a companhia chegou, esses povos saíram. Eles não tinham condições de resistirem. Eles foram forçados a deixar o território e, mesmo que ameaçado, “Eugenio Francisco, um Tupinikim da aldeia de Lancha disse aos fiscais da FUNAI- o órgão brasileiro dos assuntos indígenas, em 1994, “A companhia tomou tudo”

A Aracruz construiu sua primeira planta de celulose onde estava localizada uma aldeia Tupinikim chamada Povoado dos Macacos. A Aracruz forçou aproximadamente 7.000 famílias a se deslocarem das terras que estavam ocupando.

Atualmente, a Aracruz é o maior produtor de celulose branqueada de eucalipto no mundo. Em 2004, a companhia produziu 2.5 milhões de toneladas de celulose, 97 por cento da qual foi exportada. Os maiores clientes da Aracruz são Procter & Gamble e Kimberly Clarke, sendo responsáveis por 45 por cento das vendas da companhia.

A Aracruz possui 252.000 hectares de plantações de eucaliptos nos estados de Minas Gerais, Bahia, Rio Grande do Sul e Espírito Santo. Além disso, a companhia desenvolve o “Forestry Partners Programme”, abrangendo 71.000 hectares de árvores de eucaliptos, manejadas e plantadas por agricultores.

A fim de abrir caminho para suas plantações, a Aracruz destruiu mais de 50.000 hectares de Mata Atlântica. Os tratores em pares unidos com uma corrente se introduziram através da floresta, destruindo tudo o que aparecia no caminho. Os animais foram esmagados pelas árvores derrubadas ou pela maquinaria. A Aracruz foi multada pelo IBAMA, o órgão brasileiro de proteção ambiental por plantar em áreas protegidas.

Os rios e os córregos secaram em decorrência das plantações de eucaliptos da Aracruz. A companhia causou danos a rios e desviou água do Rio Doce para suas plantas, com o impacto adicional sobre os fluxos de água na região. A pescaria em muitos rios da região desapareceu em grande proporção.

Em janeiro de 2004, em uma tentativa por melhorar sua imagem, a Aracruz contratou uma firma consultora com sede no Reino Unido chamada SustainAbility. A SustainAbility foi fundada em 1987 por John Elkington, o autor de livros como “The Green Capitalists” e “The Green Business Guide”. Ele descreve seu trabalho sobre os últimos 25 anos como “focado principalmente em tentar atingir a sustentabilidade com negócios, através dos mercados.”

A SustainAbility está desenvolvendo um Plano de Sustentabilidade para a Aracruz. Jodie Thorpe da SustainAbility explicou que a SustainAbility “identificou três áreas da estrutura da Aracruz como prioridades iniciais a serem aperfeiçoadas: compromisso com as partes, transparência e governança.”

Porém, o sítio web da SustainAbility inclui muito pouca informação a respeito da Aracruz e nada em absoluto sobre os registros da Aracruz. Não menciona nada sobre a luta dos Tupinikim e Guarani por suas terras.

Nenhum dos relatórios que a SustainAbility elaborou estão disponíveis ao público. “Ao mesmo tempo que nós encorajamos e apoiamos a transparência, eu espero que você possa perceber que não temos liberdade para compartilharmos este trabalho publicamente,” Thorpe explicou.

Longe de criticar a Aracruz, o sítio web da SustainAbility declara que “a Aracruz Celulose tem um compromisso de sustentabilidade de longa data.”

Eu escrevi para Elkington a fim de perguntar como ele responde à crítica que diz respeito à SustainAbility estar ajudando a dar uma fachada verde a uma companhia controversial. “Não é nosso propósito em absoluto”, ele respondeu. Elkington explicou que o sítio web da SustainAbility faz referência ao “claro compromisso corporativo” da Aracruz quanto à sustentabilidade. “Na minha opinião,” ele escreveu, “não fica nenhuma dúvida de a Aracruz ter ainda um enorme trabalho a fazer antes de poder ser reivindicada considerada algo como uma “companhia sustentável””. Neste ponto, portanto, nós estamos de acordo.

Eu visitei a Aracruz em agosto de 2001. Estive lá para participar de um seminário internacional sobre os impactos das plantações de eucaliptos. A Aracruz também foi convidada. Eu pretendia ouvir como o staff da Aracruz iria responder ao estar enfrentada com centenas de membros da comunidade que vivenciavam os impactos provocados pela companhia. Porém, a Aracruz se recusou a comparecer no seminário.

Enquanto eu estava lá, visitei as aldeias dos Tupinikim e Guarani e escutei os problemas que eles tinham enfrentado desde que a Aracruz tinha tomado posse de seu território. Pude ver as vastas áreas de estéreis plantações industriais de eucaliptos. Uma aldeia Tupinikim que eu visitei estava circundada por plantações. Eu vi a maciça e fedorenta planta de celulose. Eu ouvi como a companhia despejava sua água residual pela noite. E participei de uma passeata com centenas de pessoas através do Estado do Espírito Santo a fim de protestarmos contra as atividades da Aracruz.

Há alguns anos, Elkington escreveu que “muito do que quer parecer desenvolvimento sustentável se parece muito mais com os negócios de sempre”. Aparentemente a firma consultora de Elkington,

a SustainAbility, está atualmente provando que essa declaração é verdadeira.

Por Chris Lang, E-mail: chrislang@t-online.de